



AS FEIRAS LIVRES EM TEMPOS DE CONTEMPORANEIDADE E OS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA EM ARAPIRACA/AL (BRASIL)¹

THE STREET MARKETS NOWADAYS AND URBAN ECONOMIC SYSTEMS IN ARAPIRACA/AL (BRAZIL)

LAS FERIAS LIBRES EN TIEMPOS DE CONTEMPORANEIDAD Y LOS CIRCUITOS DE LA ECONOMÍA URBANA EN ARAPIRACA/AL (BRASIL)

Paul Clívilan Santos Firmino

Doutorando em Geografia da Universidade de São Paulo/USP

E-mail: pcfirmino@usp.br

RESUMO:

A intensificação nos investimentos na ciência, técnica e informação contribuiu para a constituição do terceiro meio geográfico, o meio técnico-científico informacional (SANTOS [1996] 2008), que surge pós Segunda Guerra Mundial, consolidando no último quarto do século XX a chamada globalização. Com base nas características dessa globalização tem-se uma discussão voltada para os dois circuitos da economia urbana – Circuito Inferior e Circuito Superior (SANTOS [1979] 2008). Destarte, o objetivo deste artigo é discutir a importância da feira em tempos de contemporaneidade e dos circuitos ora citados na economia urbana de Arapiraca, cidade localizada no Agreste alagoano (Brasil), destacando o papel desempenhado pela feira e seus agentes, frente outros eventos diretamente relacionados com atividades do Circuito Superior. Para tanto, alguns autores, tais como, Andrade (1993), Braudel (1998), Carvalho (2012), Guedes (1999), Melo (1980), Rangel (2012), Santos ([1980] 2010) entre outros, são essenciais nessa discussão. Constatou-se que a feira livre foi responsável pela gênese, formação e desenvolvimento econômico de Arapiraca, continuando com significativa importância, como evento direto do Circuito Inferior, para a vida econômica e social da cidade nestes primeiros decênios do século em curso.

Palavras-chave: Feira Livre, Globalização, Circuitos Econômicos, Arapiraca/AL (Brasil)

ABSTRACT:

The intensification of investments in science, technology and information played an important role for third geographical environment constitution, i.e. the technical-scientific-informational milieu (SANTOS [1996] 2008), which arose after World War II and consolidated the globalisation in the 20th century last quarter. Based on this globalisation features, it is possible to realise a discussion concerning the urban economic system - Circuito inferior and Circuito Superior (SANTOS [1979] 2008). Therefore, this article aims at discussing the important current idea of market and the aforementioned kinds of "Circuito" in Arapiraca's urban economy - which is a city of Agreste alagoano (Brazil) - highlighting for this the role played by market and its agents compared to other events related to activities of "Circuito Superior". Then it will be used some essential authors for this discussion, such as Andrade (1974), Braudel (1998), Carvalho (2012), Guedes (1999), Melo (1980), Rangel (2012), Santos ([1980] 2010) etc. It was verified that free markets hold the responsibility for starting, developing and getting ahead the economy of Arapiraca. Street markets, by the way, go on being relevant as a direct event of Circuito inferior for Arapiraca's social and economical life during the first decades of this century.

Keywords: street market, globalisation, economic systems, Arapiraca/AL (Brazil)

¹ O presente artigo é fruto da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do Professor Dr. Armen Mamigonian e com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

RESUMEN:

La intensificación de las inversiones en la ciencia, técnica e información contribuyó a la constitución del tercer medio geográfico, el medio técnico-científico informacional (SANTOS [1996] 2008), que surge después de la Segunda Guerra Mundial, consolidando así en el último cuarto del siglo XX la llamada globalización. Con base en las características de esta globalización se elabora una discusión dirigida hacia los dos circuitos de la economía urbana - Circuito Inferior y Circuito Superior (SANTOS [1979] 2008). Por lo tanto, el objetivo de este artículo es discutir la importancia de la feria en tiempos de contemporaneidad y de los circuitos citados en la economía urbana de Arapiraca, ciudad ubicada en el Agreste de Alagoas (Brasil), destacando el papel desempeñado por la feria y sus agentes, frente a otros eventos directamente relacionados con actividades del Circuito Superior. Para eso, algunos, tales como, como Andrade (1993), Braudel (1998), Carvalho (2012), Guedes (1999), Melo (1980), Rangel (2012), Santos ([1980] 2010) entre otros, son esenciales para esta discusión. Se constató que la feria libre fue responsable por la génesis, formación y desarrollo económico de Arapiraca, continuando con significativa importancia, como evento directo del Circuito Inferior para la vida económica y social de la ciudad en estos primeros decenios del siglo en curso.

Palabras clave: Feria Libre, Globalización, Circuitos Económicos, Arapiraca/AL (Brasil).

1 INTRODUÇÃO

O Nordeste brasileiro foi durante muito tempo a região mais rica e dinâmica do país, com um sistema econômico, social e político estruturado no comércio de exportação sustentado pela cana-de-açúcar e os engenhos que começaram a ser implantados nestas terras e, conseqüentemente, pelo comércio que ia surgindo concomitantemente com os povoados – diga-se a feira. Nesta linha de pensamento Polany ([1944] 1980, p. 81) vai mostrar que “o breve florescimento das famosas feiras da Europa constitui outro exemplo de um tipo definido de mercado produzido pelo comércio de longa distância”. Esse evento contribuiu para o processo de ocupação e formação de diversas cidades, no Litoral e Sertão, apresentando dinamicidade além de seus limites municipais. Num segundo momento, tem-se a ocupação das áreas localizadas na conhecida sub-região do Agreste, sendo a última a ser povoada pelos colonizadores, apresentando características que contribuíram para uma atividade econômica fora do eixo gado/cana-de-açúcar e que hoje se apresenta como uma das sub-regiões mais dinâmicas, conforme divisão proposta por Andrade (1998).

Trilhando por este caminho, pode-se dizer que essa dinamicidade foi constituída mediante evento tradicionalmente típico do Nordeste brasileiro, a feira livre, que ainda está presente e movimentando diversas cidades, com ênfase para aquelas localizadas no Agreste nordestino, a exemplo de cidades como Itabaiana/SE, Feira de Santana/BA, Caruaru/PE, Campina Grande/PB e, no caso aqui analisado, Arapiraca/AL, que antes mesmo de sua emancipação já possuía “na feira livre, o seu principal tipo de comércio, movimentando a cidade e toda área ao redor” (FIRMINO, 2018, p. 211). Estas cidades foram se desenvolvendo, ganhando espaço e constituindo-se em centros dinâmicos dentro de seus estados e região graças às atividades que surgiam mediante as influências das feiras.



Esse tipo de mercado contribuiu significativamente para o surgimento de uma economia urbana bastante diversificada ao longo do tempo. Tal economia apresenta características diferentes do que se tinha outrora, porém, não extinguindo o evento que lhe proporcionou surgimento. Vê-se que com as mudanças ocorridas das últimas décadas do século passado aos dias atuais e com intensificação do processo de globalização, a feira passou por um processo de transformação, uma repaginação na sua realização. A feira entrou para o chamado Circuito Inferior² da economia urbana, enfrentando imposições dos agentes, digam-se os hegemônicos do período vigente, que estão inseridos diretamente no Circuito Superior da economia urbana (SANTOS [1979] 2008). A feira inserida fortemente no Circuito Inferior está diretamente relacionada com a economia das cidades, que por sua vez atrai pessoas (tanto da zona urbana como rural) não somente para comercializar, como para usufruir dos variados serviços prestados por suas cidades.

A cidade de Arapiraca com sua tradicional feira livre foi desenvolvendo um comércio que aos poucos se diversificava, negociando produtos advindos de uma produção rural e urbana (destinados inicialmente para o mercado interno), bem como produtos advindos de outros lugares. Portanto, é necessário apontar que a atividade agrícola, num primeiro momento, e a feira livre como evento do Circuito Inferior³, num segundo momento fizeram surgir pequenos estabelecimentos, empresas e indústrias – que hoje integram os setores do Circuito Superior – trazendo consigo tipos de serviços que contribuíram na centralidade e dinamicidade de Arapiraca.

Neste sentido, o presente artigo teve como objetivo analisar e discutir a importância das feiras livres em tempos de contemporaneidade e suas relações com os circuitos da economia urbana em Arapiraca/Alagoas. Para tanto, partiu-se inicialmente de uma discussão teórica que contribuísse para responder o objetivo ora exposto. Algumas categorias, tais como desenvolvimento econômico, centralidade e dinamismo, feira livre, iniciativas locais, circuitos econômicos, globalização entre outras, foram relevantes ao longo da escrita do artigo, baseando-se, por exemplo, em autores como Andrade (1974), Braudel (1998), Carvalho (2012), Diégues Jr. (2006), Melo (1980), Montenegro (2006), Santos ([1979] 2008), que tiveram pesquisas relacionadas com a temática presente.

Vale ressaltar que a metodologia utilizada baseou-se numa investigação histórica da economia e da vida social de Arapiraca, assim como da realidade atual que a permeia. Então, informações e dados obtidos através de órgãos oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, Prefeitura Municipal de Arapiraca (Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Serviço/SEMICS) e a Gerência Regional do Agreste da EMATER/AL - Instituto de Inovação para o

² Circuito Superior/CS e Circuito Inferior/CI da economia urbana é proposta por Santos ([1979] 2008).

³ Percebe-se que “se o circuito inferior oferece à população pobre um grande número de empregos, é graças à soma de possibilidades oferecidas pela multiplicidade de pequenas empresas, em geral familiares ou individuais” (SANTOS, [1979] 2008, p. 223).

Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas foram de grande contribuição durante a investigação. Além desta etapa da pesquisa, pode-se citar o trabalho de campo, como parte integrante da empiria. Esta foi realizada na feira livre da cidade com feirantes e fregueses, mediante aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas, as quais serviram de base para elaboração de mapas, tabelas, quadros e gráficos que foram importantes para apresentar as particularidades e características de Arapiraca e sua respectiva sub-região⁴.

2 GÊNESE DAS FEIRAS LIVRES NO AGRESTE NORDESTINO

Os anos de 1500, com o povoamento e ocupação das terras brasileiras, marcam significativamente o começo de uma estrutura econômica, num primeiro momento de exportação, que estava se espalhando inicialmente na região que viria ser chamada de Nordeste, para posteriormente adentrar Brasil afora. Essa economia de exportação servia de base para o suprimento das necessidades do mercado exterior. Dentre os produtos que estavam na lista de exportação, destaca-se com especial atenção, a cana-de-açúcar.

Com uma intensificação nas exportações a cana passou a ser o produto que mais interessava aos colonizadores, o que contribuiu para o surgimento de diversos engenhos, sendo possível identificar um número expressivo que começava a pontilhar o Brasil neste primeiro momento. Eram 230 engenhos em fins do século XVI, dos quais 100 estavam localizados em Pernambuco (DIÉGUES JR., 2006). Então, a economia nordestina é formada e desenvolvida mediante o papel desempenhado pelo açúcar, os engenhos e, posteriormente, com a decadência destes, pelas usinas que surgiam nos últimos decênios do século XIX. Percebe-se que o Brasil, com ênfase no Nordeste, foi desenvolvendo-se em função das necessidades sentidas pelo mercado europeu, principalmente o português.

Tento em vista que o mercado capitalista advindo do continente europeu tinha como representante majoritária, a Coroa portuguesa, vendiam nos mercados da Europa os mais variados tipos de produtos adquiridos nas colônias, com intermediações comerciais externas a sociedade e a própria economia destas. Com a abertura dos Portos no ano de 1808 e o surgimento de um aparelho de intermediação mercantil, ligava-se no exterior ao capitalismo industrial que estava nascendo, transformando-se “num sistema universal de subjugação colonial e de estrangulamento financeiro da imensa maioria da população do planeta por um punhado de países avançados” (LÊNIN, [1917] 2010, p. 11). Estruturava-se com o passar dos tempos “‘o polo externo’ da dualidade básica da

⁴ Os resultados da pesquisa podem ser vistos detalhadamente em Firmino (2015).



economia brasileira” (RANGEL, 1981, p. 10). Nascia no Brasil o processo de comercialização, mas subordinado ao mercado externo, com o capitalismo industrial, também nascente no comando desse mercado.

Com o desenvolvimento das trocas⁵, intensifica-se o processo de comercialização entre Colônia e Metrópole, determinando uma produção de valores que só tendia a aumentar com as técnicas que iam surgindo. Então, da intervenção do português e das relações comerciais que começaram a se estabelecer na colônia se têm os primeiros indícios do que seria a feira livre futuramente no Brasil, mais precisamente no Nordeste, que outrora constituiu uma das mais ricas formas de comercialização da região e que ainda hoje é grande manifestação de várias cidades, movimentando suas economias, destacando as agrestinas.

Os portugueses traziam consigo as experiências do comércio e aos poucos iam impondo uma nova forma de comercializar. Não é possível afirmar, que eram feiras propriamente ditas, e sim, formas de trocas, sendo “[...] estes modelos de mercados que foram trazidos para o Brasil no rastro do processo de colonização portuguesa no início do século XVI” (DANTAS, 2007, 60). Assim, pode-se dizer que a economia das cidades nordestinas tem sua gênese baseada num mercado onde se tinha uma troca imediata, com comercialização e negócio feitos instantaneamente, caracterizando as chamadas feiras⁶, voltadas inicialmente para o comércio do gado, que “surgiu em função de uma atividade – a pecuária – amplamente favorecida pelas condições naturais favoráveis” (PAZERA JR., 2003, p. 37).

Nos fins do século XVI a atividade pecuária começou a adentrar o interior nordestino, tornando-se base da economia sertaneja, fazendo surgir algumas feiras e povoados que se tornaram cidades de destaque não só para suas regiões como também para seus estados. As cidades de Feira de Santana/BA, Itabaiana/SE entre outras, são exemplos de cidades que surgiram nos caminhos por onde o gado adentrou o interior, tendo nestas, pontos de parada ao deslocarem o gado. Nesse sentido, Almeida (1984, p. 216) mostra, que esse tipo de criação “no sertão pôs em movimento esse interior e atraiu a especulação de comerciantes capazes de gerar o desenvolvimento precoce dos seus centros urbanos e algumas de suas aldeias”.

As feiras estruturadas da forma como se encontram hoje, é reflexo das pequenas vilas que surgiam nos caminhos abertos pelo gado. Foram ganhando proporções não somente graças à

⁵ “Quando a fase de pura subsistência é ultrapassada, torna-se necessário que os excedentes de cada grupo sejam trocados. É o momento da troca simples, do escambo. Mas este tipo primitivo de comércio não tem força para mudar a forma particular com que cada grupo valoriza o tempo e o espaço. É o comércio especulativo que traz mudanças, por criar uma nova relação social com a introdução da mercadoria e da moeda” (ARROYO, 2004, p. 51).

⁶ Algumas das feiras de que se têm registros nesse período são: “as da freguesia da Mata de São João, da Vila de Nazareth, de Feira de Santana e da Vila do Conde na capitania da Bahia; de Goiana e Itabaianinha, na capitania de Pernambuco; e em muitas vilas e cidades de Sergipe” (DANTAS, 2007).

localização, como as melhorias mediante as necessidades das cidades que começavam a se expandir. Inseridas nos novos processos econômicos, as feiras têm reagido e se adaptado às mudanças⁷, coexistindo com formas comerciais as mais modernas, não tendo uma transformação geral, elas continuam exercendo papéis de destaque em suas cidades.

Trilhando por este caminho, “têm as feiras, sobretudo no Agreste e no Sertão, onde domina uma atividade policultora, grande influência na economia local” (ANDRADE, 1974, p. 135), muitas chegam ao ponto de extrapolarem as fronteiras municipais. Essa observação aponta para o fato de que a feira no Agreste já não se realiza como um evento corriqueiro, ela passa a “assumir um papel de destaque sendo, às vezes, difícil distinguir até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira” (PAZERA JR., 2003, p. 27).

Como atividade econômica, as feiras passaram a ter grande expressividade. Tidas como manifestação da atividade comercial, elas têm atraído contingente populacional bastante significativo, são pessoas que se deslocam da zona urbana e rural, bem como de cidades e estados vizinhos, movimentando a feira, bem como criando maior movimentação no comércio, visto que muitos se deslocam até o centro não somente para irem à feira, como também utilizarem dos serviços prestados: saúde, bancário, educacional, alimentação, etc.

O aumento cada vez mais acelerado das trocas e do processo de comercialização, faz surgir outros mercados especializados – lojas, supermercados, shopping-center etc. –, movimentando toda uma vida de relações. Consequentemente, trazendo desconforto aos atores que participam na realização da feira, uma vez que, obriga as autoridades competentes a tomarem decisões, como a mudança nos dias de feira ou na sua localização, que na maioria das vezes trazem prejuízos aos feirantes, beneficiando outros atores nesse processo.

Apesar dos avanços ocorridos nas últimas décadas do século XX, marcado fortemente pelas mudanças e evolução das técnicas, da ciência e da informação – período denominado por Santos ([1996] 2008) de *técnico-científico e informacional* – a feira ainda encontra um espaço bastante significativo⁸, mesmo com aumento pelos melhores recortes territoriais. No período atual da chamada globalização, a competitividade aparece como uma de suas principais características, o que “acaba por destroçar as antigas solidariedades, frequentemente horizontais, e por impor uma solidariedade vertical” (SANTOS, 2008), tendo um espaço banal em oposição ao espaço econômico. Logo, evidencia-se que “os tempos locais e regionais são cada vez mais substituídos

⁷ “Se este mercado elementar, igual a si próprio, se mantém através dos séculos é certamente porque, em sua simplicidade robusta, é imbatível, dado o frescor dos gêneros perecíveis que fornece, trazidos diretamente das hortas e dos campos das cercanias” (BRAUDEL, 1998, p. 15).

⁸ “Com efeito, se a vida econômica se acelera, à feira, relógio velho, não acompanha a nova aceleração; mas, se essa vida se desacelera, à feira recupera sua razão de ser” (BRAUDEL, 1998, p.76).



pelos tempos nacionais ou globais, [...]. As ações individuais e coletivas, portanto, perdem cada vez mais seu caráter orgânico com os lugares nos quais efetivamente se dão” (CONTEL, 2009, p. 131).

Diante dessa realidade, o papel desempenhado pelas feiras livres dentro dos dois circuitos da economia urbana é de grande importância como atividade econômica para suas cidades, visto que, não se exige alta qualificação do trabalhador, não é um trabalho permanente, encontra-se trabalho de forma fácil, apresenta uma variedade e frescor dos produtos, bem como uma forma única de negociar com seus clientes que não é possível encontrar no CS, além de estarem enraizadas na cultura e na economia do povo nordestino.

3 TECENDO COMENTÁRIOS ACERCA DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA

Nos dias atuais, em pleno período de globalização, fica evidente que há um aumento significativo nos usos do território, com destaque para aqueles seletivamente escolhidos, onde “a competição pelos melhores pedaços do planeta passa a ser, no período da globalização, uma das estratégias das corporações transnacionais, sejam elas do ramo industrial, comercial, de serviço ou financeiro” (CONTEL, 2009, p. 126), gerando de forma direta ou indireta uma competitividade que acaba destruindo solidariedades existentes, frequentemente horizontais, e em contrapartida, impondo uma solidariedade vertical,

Enquanto as horizontalidades são, sobretudo, a fábrica da produção propriamente dita e o *locus* de uma cooperação mais limitada, as verticalidades dão, sobretudo, conta dos outros momentos da produção (circulação, distribuição, consumo), sendo o veículo de uma cooperação mais ampla, tanto econômica e politicamente, como geograficamente (SANTOS, [1996] 2008, p. 284).

O território brasileiro apresenta algumas partes que são seletivamente escolhidas e preparadas para se relacionarem e/ou mesmo competirem mundialmente, seguindo normas que são impostas verticalmente, transformando os territórios nacionais em espaços nacionais de uma economia internacional (SANTOS; SILVERA, 2010). Tal situação faz com que os mercados nacionais abram suas fronteiras, facilitando a entrada de empresas multinacionais, diminuindo a soberania e deixando os territórios à mercê da gestão das grandes empresas que dispõe de tecnologias de ponta.

Então, a solidariedade vertical beneficia diretamente os principais atores desse período, desde o setor industrial ao financeiro. Aquele primeiro, o industrial⁹, passou a ser ocupado aos poucos por este último, o financeiro, que nos dizeres de Rangel (1981) estava em processo de mudança, vindo a ser bastante evidente nos dias de hoje, graças a uma união do capital industrial com o capital bancário¹⁰. Para Lênin ([1917] 2010, p. 46) “o século XX assinala, pois, o ponto de transformação do velho capitalismo para o novo, da dominação do capital em geral para a dominação do capital financeiro”, ainda afirma: é “o capital que se encontra à disposição dos bancos e que os industriais utilizam” (Idem, 2010, p. 47).

Tanto o industrial como o financeiro, são capitalismos que fazem parte integrante do CS da economia urbana, este “composto pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores – é o resultado direto das modernizações que atingem o território” (MONTENEGRO, 2006, p. 10), marcando fortemente as derradeiras décadas do século passado e esse início de século XXI. O circuito referido tem uma organização financeira bastante complexa, que de acordo com Silveira (2009, p. 65), “apoiada nos atuais sistemas técnicos e na propaganda, permite a expansão social e territorial dos seus mercados, evitando capacidades ociosas e invadindo os mercados tradicionalmente pertencentes ao circuito inferior”. Baseando-se nas características dos dois circuitos, vê-se que o período presente tem tido repercussões diversas e quiçá profundas nos países ditos subdesenvolvidos.

Paralelamente as atividades do CS, têm-se as feiras livres que desempenham papéis de destaques como atividade econômica, abrangendo em sua maioria, uma população de poder aquisitivo baixo, mediante inserção no CI da economia urbana, este “formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres, é, ao contrário, bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região” (SANTOS, [1979] 2008, p. 22).

Esses circuitos fazem parte das dinâmicas que envolvem a divisão do trabalho, esta “impõe a introdução de ‘serviços’, como transportes e comércio que, mesmo quando não fazem crescer a renda efetiva da sociedade, são indispensáveis à produção nas condições de divisão social do trabalho” (RANGEL, 2012, p. 103). O quadro 01 apresenta algumas das características desses dois circuitos.

⁹ Este tipo de capitalismo e o capitalismo comercial “estão intimamente ligados e a predominância de um ou de outro depende unicamente das condições do ambiente” (LÊNIN, 1982, p. 88).

¹⁰ Para Labasse (1974, p. 66), “l’organisation du territoire par les banques centrales a eu une grande influence sur la information des systèmes spatiaux mis au point par les réseaux bancaires au XIX et au début du XX siècle”.



Quadro 01: Os dois circuitos da economia urbana: características gerais

Circuito	Surgimento	Técnicas	Sistemas de Objetos	Crédito	Preços	Mão de Obra
Superior	Diretamente da modernidade	Capital intensivo	Modernos	Bancário (formal)	Fixo (em geral)	Contrato formal ou terceirizado
Inferior	Indiretamente da modernidade	Trabalho intensivo	Tradicionalis	Fiado em geral	Pechincha/Regatear	Familiar (em geral)
Circuito	Elementos de Articulação	Lucro	Progressão	Acumulação de Capital	Potencial	Org.
Superior	Procura fora da cidade e sua região	Longo prazo	Org. burocrática e/ou governamental	Indispensável as suas atividades	Imitativo	Sofisticada
Inferior	Encontra na cidade e sua região	Curto prazo	Sem org. burocrática e/ou governamental	Não é de interesse primordial	Criativo	Baixo grau

Fonte: SANTOS ([1979] 2008 e [1996] 2008) e Montenegro (2006)

Elaboração: FIRMINO, P. C. S.

No que se refere ao setor econômico, este está sempre se adaptando aos usos da modernização, tentando extinguir todo e qualquer tipo de gostos tidos como “tradicionalis” ou “atrasados”, isso porque “as economias, culturas e sociedades subsequentes da modernidade tardia não são mais encaixadas temporal e espacialmente” (WERLEN, 2000, p. 15). Neste patamar, alguns pontos espalhados pelo território tornam-se funcionais a concentração de certas produções atreladas às atividades cada vez mais modernas, que por sua vez são “criações do sistema tecnológico, são comandadas pela força da grande indústria, representada essencialmente pelas firmas multinacionais e seus suportes, tais como as formas modernas de difusão de informações” (SANTOS, [1979] 2008, p. 35).

É evidente que o CI está sendo invadido cada vez mais pelas atividades pertencentes ao CS, desde comércio, serviços modernos, as diversas atividades bancárias e tantas outras, levando aqueles que integram o CI a uma adaptação mediante a forte presença do superior, “que lhes impõe uma série de normatizações além de uma concorrência fortemente desigual que, por sua vez, os obriga, muitas vezes, ou a terceirizar suas atividades ou a abandoná-las” (MONTENEGRO, 2006, p. 49). Assim, afirma-se que o diferencial principal entre as atividades do superior e do inferior, baseia-se principalmente nas diferenciações de tecnologia e organização¹¹.

¹¹ Simplificando, pode-se afirmar que o fluxo do sistema superior está composto de negócios bancários, comércio de exportação e indústria de exportação, indústria urbana moderna, comércio moderno, serviços modernos, comércio atacadista e transporte. O sistema inferior está essencialmente constituído por formas de fabricação de “capital não intensivo”, por serviços não modernos, geralmente abastecidos pelo nível de venda a varejo e pelo comércio em pequena escala e não-moderno (SANTOS, 1977, p. 38:39).

4 A FEIRA LIVRE E OS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA EM ARAPIRACA

A cidade de Arapiraca localizada no interior do Nordeste brasileiro, exemplo de cidade tipicamente agrestina¹², apresenta um espaço muito rico e heterogêneo, com uma economia que foi impulsionada mediante a força e a capacidade do seu povo, atrelada às características naturais encontradas em suas terras. Ao tempo em que a cidade ia firmando raiz e expandindo-se, atraía novos moradores, comerciantes, bem como trabalhava na abertura de novas ruas proporcionando outras vias de acesso à cidade que se formava¹³.

Desde o início de sua formação, Arapiraca apresentava facilidade no que se referia a ligação entre litoral e sertão, o que contribuiu significativamente na atuação e no desempenho do seu setor econômico, servindo também como lugar de troca de produtos advindos de outras localidades. Isto foi facilitado com a construção de rodovias por volta da década de 1950, vindo representar papel de destaque, visto que as estradas sempre tiveram importância, desde o deslocar de pessoas a mercadorias. Como afirma o historiador Braudel (1998, p. 31), as trocas comerciais também foram facilitadas “[...] conforme a natureza das mercadorias oferecidas, conforme as distâncias, a facilidade ou dificuldade dos acessos e dos transportes, conforme a geografia da produção assim como do consumo”.

A feira livre se tornou numa forma de comércio importante para as cidades nordestinas, umas mais intensamente do que outras. Pode-se dizer que a gênese da economia arapiraquense, em grande parte está atrelada às funções exercidas pelas feiras, que por sinal variam ao longo do tempo em relação ao seu contexto comercial, tendo períodos prósperos e períodos de maior lentidão. A feira dá maior dinâmica à cidade no dia de sua realização, seja em relação às atividades econômicas, sociais e/ou mesmo culturais. Em Arapiraca, a feira foi criada por iniciativa de Esperidião Rodrigues da Silva, surgindo em fins do século XIX, como forma de comercialização e consumo dos mais variados tipos de produtos existentes naquela época, com destaque para os produtos advindos da zona rural. Deste momento em diante, a feira foi evoluindo, mantendo suas características primeiras, e, proporcionando com o tempo a criação de diversas casas comerciais¹⁴.

¹² Em relação a heterogeneidade apresentada no Agreste, Melo (1962, p. 27) afirma que “a diversificação da região agrestina em suas condições naturais reflete-se nos sistemas agrários existentes não apenas quanto ao sistema de uso da terra mas também quanto à estrutura agrária”.

¹³ Quando de sua emancipação, no ano de 1924, a cidade tinha apenas umas poucas ruas. Existiam por essa época, segundo o historiador Zezito Guedes (1999, p. 25), “o Quadro – atual praça Manoel André, a rua Nova – hoje praça Deputado Marques da Silva, a rua Pinga Fogo – atual rua Aníbal Lima, início da Rua Boca da Caixa e que, depois, passou a ser denominada rua 15 de Novembro e início da Rua do Cedro – atual Av. Rio Branco”.

¹⁴ Arapiraca apresentava uma gama de lojas espalhadas pelo seu pequeno comércio: na Rua do Quadro existiam comerciantes com lojas de tecidos, armazéns, padaria, cartório, miudezas, bodega etc. (GUEDES, 1999).



O comércio que surgia tinha como predomínio, quase que total, a comercialização de produtos artesanais e/ou agrícolas, eram peles, cereais, algodão, lenha (vendidos não somente na feira como num armazém que surgiu em 1928), farinha de mandioca (por essa época era o seu principal produto e dava impulso ao comércio¹⁵), milho, tecidos entre outros. Vale lembrar que essa diversificação se deve a forte presença de áreas de agricultura de subsistência e a existência de uma forte policultura, graças a maior desconcentração de terras e o seu uso mais diversificado. Essas são características não só de Arapiraca como das outras cidades agrestinas, tendo “[...] no agreste um conjunto de combinações agrícolas a formar variado mosaico de tipos de uso da terra, caracterizados todos eles por um traço constante, o regime de policultura” (MELO, 1962, p. 20-21).

A variedade de produto que era possível encontrar na feira e no comércio que começava a se estruturar foi com o passar das décadas aumentando, alguns produtos mais, outros menos, uns substituindo outros como produto principal, assim como uns passando a conviver com outros, impulsionando a dinâmica das cidades. No caso específico do Agreste Alagoano – “ao contrário do que ocorre na zona canavieira, não existe superconcentração de terras, ressalvados os casos excepcionais” (MELO, 1962, p. 27) – encontra-se uma gama de produtos, desde o tradicional fumo até as hortaliças que estão com sua produção em destaque, principalmente, na cidade de Arapiraca.

Assim, a Gerência Regional do Agreste da EMATER/AL, Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas, tem na cidade de Arapiraca área de atuação voltada para a produção rural no Agreste. Segundo o IBGE (2010), os municípios¹⁶ que compõe a região do Agreste da EMATER/AL, possuem aproximadamente 72 mil hectares de área explorada por culturas temporárias, sendo estas diversificadas, reflexo do que se passa na maior parte da região Nordeste, principalmente, adentrando o interior nordestino. A tabela 01 apresenta alguns dos produtos principais cultivados no interior alagoano, sobressaindo, a região Agreste da EMATER/AL.

¹⁵ Guedes (1999, p. 199), relata que Arapiraca “nessa época, vivia fastígio da cultura da mandioca. Era a chamada fase de ouro, tanto para os produtores, como para os armazenistas e atravessadores”.

¹⁶ Os municípios são os seguintes: Arapiraca, Campo Alegre, Campo Grande, Coité do Nóia, Craíbas, Feira Grande, Girau do Ponciano, Lagoa da Canoa, Limoeiro de Anadia, Olho d’Água Grande, Taquarana e Traipu.

Tabela 01: Tipos de culturas temporárias da região Agreste da EMATER/AL (área cultivada)

Município	Hectares	Área Cultivada (ha.)							
		Abacaxi	Algodão	Batata doce	Cana-de-açúcar	Feijão	Fumo	Mandioca	Milho
Arapiraca	12.760	90	90	80	350	4.050	3.100	4.100	900
Campo Alegre	16.480	-	-	-	16.400	35	-	45	-
Campo Grande	521	-	-	5	-	161	30	160	165
Coité do Nóia	1.745	14	20	-	-	800	191	220	500
Craíbas	4.550	-	50	-	-	1.050	1.800	250	1.400
Feira Grande	3.580	-	50	700	-	480	1.200	650	500
Girau do Ponciano	8.654	-	00	4	-	1.850	1.200	2.500	3.000
Lagoa da Canoa	3.425	-	50	-	-	900	1.800	375	300
Limoeiro de Anadia	4.893	18	-	5	4.500	90	120	100	60
Olho d'Água Grande	683	-	-	-	-	230	-	180	273
Taquarana	8.285	15	-	90	300	2.900	80	2.500	2.400
Traipu	6.240	-	20	-	-	2.500	20	500	3.100
TOTAL	71.816	137	480	884	21.550	15.046	9.541	11.580	12.598

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Diagnóstico Completo:** produção rural na região Agreste da EMATER/AL (IBGE, 2010). Arapiraca: Secretaria de Planejamento, 2014.

Excetuando Campo Alegre (com o predomínio da monocultura da cana-de-açúcar – 16.400 ha), a cidade de Arapiraca passa a assumir o posto de maior produtora de culturas temporárias (aproximadamente 13.000 ha). A cidade possui uma diversificação abrangendo todas as culturas apresentadas na tabela, desde o abacaxi até os tradicionais fumo e mandioca.

Dentre estes produtos, destaca-se a mandioca e o fumo¹⁷, sendo este último o produto que durante muitas décadas ocupou lugar privilegiado e foi responsável por impulsionar a dinâmica e economia de Arapiraca e região. Hoje o fumo não possui a importância de outrora, ocupando apenas uma área de 9.541 ha, segundo dados do IBGE (2010). A Capital Agrestina do Fumo ainda continua sendo Arapiraca, com 32,5% do total de produção, correspondendo a 3.100 ha, seguida de Craíbas e Lagoa da Canoa com 18,9%.

O fumo foi essencial para o crescimento da feira livre e da cidade¹⁸, da mesma forma como a feira foi fundamental no processo de comercialização do fumo. Certamente, o fator principal do desenvolvimento econômico foi dessa relação entre a cultura fumageira e a tradicional feira livre, o

¹⁷ Andrade (1993, p. 19), mostrava que “o fumo, uma cultura tradicional do Recôncavo Baiano, é hoje muito cultivado em Alagoas, onde em torno da cidade de Arapiraca, se desenvolve numa área ampla e contínua. Alagoas é o principal produtor de fumo do Nordeste, embora sua produção seja pequena, se comparada com a dos grandes produtores do Sul como Santa Catarina”.

¹⁸ “Em 1945 a produção de fumo tomou grande impulso, a feira livre e o comércio aumentaram consideravelmente seus espaços” (GUEDES, 1999, p. 285).



que leva a assertiva de que para “um estudo sobre o desenvolvimento econômico deve procurar constar, em primeiro lugar, se há um processo de desenvolvimento em marcha ou se, ao contrário, a economia está estagnada” (RANGEL, 2012, p. 40).

Arapiraca sobressai quase que entre todos os tipos de produtos cultivados nessa região. Em segundo lugar alternam os demais municípios de acordo com o tipo de produto. Além dos já mencionados, destaca-se hoje o abacaxi. Este último com 66% da produção concentrada em Arapiraca, seguida de Coité do Nóia, Limoeiro de Anadia e Taquarana, com 14%, 13% e 11%, respectivamente. Nos dizeres de Melo (1980),

A principal área produtora de abacaxi coincide, em parte, com a região do fumo, sendo constituída principalmente pelos municípios de Limoeiro de Anadia, Anadia, Arapiraca e Taquarana, como se sabe, de lavoura especializada, com seu processo produtivo peculiar, onde o uso da adubação se torna indispensável (MELO, 1980, p. 276).

Em Arapiraca, o povoado Poção tem lugar principal, com cultura de suma importância para os moradores da região, ocupando uma grande mão de obra, já que dispensa quase que totalmente o uso intensivo de máquinas, mas, não deixando de empregar diversos produtos químicos que integram a agricultura moderna e científica. Assim, para entender os usos desse território, é preciso encara-lo como sendo,

Um conjunto de equipamentos, de instituições, práticas e normas, que conjuntamente movem e são movidas pela sociedade, a agricultura científica, moderna e globalizada acaba por atribuir aos agricultores a velha condição de servos de gleba. É atender a tais imperativos ou sair (SANTOS, 2008, p. 89).

Entre um e outro tipo de cultura, surgem recentemente com muita força, principalmente em Arapiraca, as hortaliças, que passam a ter um aumento em suas produções. De acordo com o Arranjo Produtivo Local/APL Horticultura da região Agreste, Arapiraca é o município que possui o maior número de comunidades rurais que se destinam a produção de horticulturas. Ao percorrer as áreas rurais é possível notar a presença de muitas áreas onde estão sendo cultivadas variedades de hortaliças, inclusive nas proximidades das casas dos produtores, levando a assertiva de que esse tipo de atividade é em sua maioria familiar.

Diante desse breve relato sobre os principais produtos cultivados no Agreste nos anos recentes, observa-se que Arapiraca continua a comandar a maioria da produção – com exceção de alguns como a cana – onde além de servir de subsistência para as famílias, grande parte destina-se a comercialização. Para Carvalho (2012, p. 22),

A agricultura familiar, por sua característica policultora, é responsável por mais da metade da produção pecuária; e por quase toda a horticultura e floricultura. Por isso, sua produção é a garantia da segurança alimentar, atendendo ao mercado interno e evitando importações; abre espaços para a agroindustrialização (derivados do leite, milho, coco, mandioca, etc.) e possibilita exportações (fumo, flores, etc.).

Então, a entrada desses produtos no comércio da cidade veio a contribuir para aumentar sua área de influência e o seu papel no cenário econômico do estado, atraindo tipos de serviços para o seu centro urbano, com o surgimento de pequenas empresas e indústrias. A estrutura econômica, de acordo com Lopes (2001), passa por algumas fases sucessivas,

I) economia de subsistência; II) especialização nas actividades primárias provavelmente acompanhada de melhoria no sistema de transportes; III) aumento da importância das actividades secundárias; IV) maior diversificação da indústria com interdependência crescente no sector e economia de escala; V) desenvolvimento dominante dos serviços (LOPES, 2001, p. 292-293).

Com o passar dos anos foram adentrando outros produtos – além dos agrícolas – no comércio de Arapiraca, a exemplo dos industrializados que chegaram com força, tanto no comércio dito “formal”, como na feira livre, evento típico do CI da economia urbana. Então, “é ele que vai oferecer as mais variadas ocupações e, por conseguinte, a própria possibilidade de sobrevivência a uma importante parcela da população urbana” (MONTENEGRO, 2006, p. 166).

Assim, nota-se que há sempre uma adaptação dos atores que participam da feira às imposições daqueles que comandam o espaço da comercialização. Entretanto, permanece sempre o essencial da feira livre: a dinamicidade de suas cidades e regiões através de sua realização, relações existentes entre as pessoas que a fazem acontecer, assim como uma maior interação entre a zona urbana e a zona rural, criando um ir e vir que faz movimentar a cidade e toda sua região, com um frenesi maior que o de costume, fortalecendo a relação de complementariedade entre ela e o comércio a sua volta.

Neste sentido, a feira tem a força de oferecer uma variedade em relação aos produtos comercializados, permitindo a população local e circunvizinha a terem um maior direito de escolha na hora da compra, venda e/ou troca. Para Azevedo (2011),

As feiras de produtos locais estão a contribuir para a criação de uma nova inteligência colectiva, divulgando produções, costumes e dialectos, originando o despertar dos territórios e das identidades (re)descobertas e requalificadas.



Funcionando como manifestação da cultura popular, de promoção e divulgação do artesanato, gastronomia, folclore e produtos locais de qualidade, redescobrem-se e reconstruem-se os recursos locais, através da mobilidade colectiva [...], procurando a valorização dos lugares, das gentes e das produções, criando novos alicerces para um novo projecto de desenvolvimento territorial (AZEVEDO, 2011, p. 132).

As feiras chegam a dividir espaço com um número cada vez maior de grandes empresas, firmas e instituições, cada uma com seus próprios objetivos, tornando-se um lugar vivido por todos, “espaço banal, espaço de todas as pessoas, de todas as empresas e de todas as instituições, capaz de ser descrito como um sistema de objetos animado por um sistema de ações” (SANTOS, [1996] 2008, p. 283).

A feira livre de Arapiraca passou a se destacar não somente no âmbito local, ganhou grande importância como atividade econômica da cidade e da sub-região Agreste, ultrapassando os limites estaduais. De maior feira do estado passou a ser considerada no ano de 1985 a maior feira do Nordeste brasileiro, e, que desde 1970 “já era verdadeiro complexo e representava o poderio econômico regional juntamente com a produção fumageira e o comércio local” (GUEDES, 1999, p. 286). Diga-se então, que a feira é um evento presente na cidade e historicizado, de tal maneira que,

Sob sua forma elementar, as feiras ainda hoje existem. Pelo menos vão sobrevivendo e, em dias fixos, ante nossos olhos, reconstituem-se nos locais habituais de nossas cidades, com suas desordens, sua afluência, seus pregões, seus odores violentos e o frescor de seus gêneros (BRAUDEL, 1998, p. 14).

É possível encontrar na feira livre uma diversidade de atividades e ocupações, uma vez que a exigência aí é apenas a força de vontade de trabalhar, pois, “a energia (diríamos a força de trabalho) de cada indivíduo é uma mercadoria” (BRAUDEL, 1998, p. 36), de forma que para sua realização é necessário um número crescente de pessoas, desde o intermediário, o caminhoneiro, o carregador de bancas, o carregador de fretes, o próprio feirante entre outros.

Neste sentido, pode-se dizer que aí se tem “os variados ‘tipos’ de trabalho que compõem o universo do circuito inferior, tanto na forma de micro e pequenas empresas como na forma de trabalhadores autônomos, vêm renovando e diversificando suas estratégias no período atual” (MONTENEGRO, 2006, p. 36). Como é de praxe no CI, o emprego na feira também não é permanente, hoje o feirante pode estar trabalhando, amanhã já não está mais; o salário também não é fixo, muitas vezes é o diálogo que o define.

No que diz respeito aos intermediários, estes desempenham papel de significativa importância nas relações entre os vários atores da feira. É possível encontrar alguns tipos de

intermediários: a) uns são apenas intermediários, compram produtos no campo, na indústria e no comércio, para revender aos feirantes que chegam de outras localidades; b) outros são intermediários e feirantes, compram os produtos para revender diretamente na feira como feirante¹⁹ e para entregar a outros feirantes e comerciantes locais; c) e outro tipo de intermediário, é aquele que compra a outros intermediários, fazendo a revenda em retalho no mercadão para os feirantes. Através dos intermediários e “do crédito, o atacadista fornece um grande número de produtos para os níveis inferiores do comércio e atividades manufatureiras, como para uma grande cadeia de consumidores” (SANTOS, 1977, p. 39).

A partir dessas compras e vendas, entre intermediários e feirantes, estes últimos são levados a comprar somente o essencial, para revender no dia de realização da feira que o mesmo frequenta, de modo que, não estoque a mercadoria, pois, pode não mais servir para ser comercializada em outra feira, ou mesmo, ser “obrigado a vender a preços muito baixos, para poder saldar, ao menos em parte, suas dívidas” (SANTOS, [1979] 2008, p. 250).

Diante dessas informações sobre a gênese econômica de Arapiraca apoiada na feira livre, é notória a evolução do comércio mediante as influências desse evento de cunho importantíssimo para o povo arapiraquense e alagoano. A feira possibilitou um aumento nas trocas, distribuição acelerada de diversos produtos, fixação de uma população que aumentava, surgimento de lojas e, conseqüentemente, a solidificação do comércio de Arapiraca, que contribuiu significativamente no desenvolvimento econômico e na intensificação de pequenos comerciantes e empresários que saíam do campo e/ou da feira, com desejo de abrirem seus estabelecimentos próprios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feira livre, atrelada a outros eventos, foi responsável pelas iniciativas comerciais, empresariais e industriais em Arapiraca, colaborando para o desenvolvimento do povo alagoano agrestino. Percorrendo pela análise da feira livre nos dias atuais e sua inserção no Circuito Inferior da economia urbana em Arapiraca, constatou-se características ímpar em seu processo de formação e seus aspectos socioeconômicos, com um sistema urbano dinâmico e, conseqüentemente, diversificado e atrativo, mediante os serviços e atividades proporcionadas pela cidade.

A feira livre contribuiu não somente para empregar parcela da população pobre em várias ocupações, mas também ‘descobrir’ e/ou desenvolver o espírito comerciante de pessoas que acabaram por criar seus próprios negócios, passando a serem inseridos no mercado de trabalho do

¹⁹ “Observa-se número significativo de feirantes que compram produtos agrícolas (produzidos em outras regiões) numa central atacadista regional e os revendem na feira (ao invés de produzi-los)” (SÁ, 2011, p. 42).



próprio Circuito Superior, sendo este o regulador daquele primeiro. Mesmo diante do avanço deste último circuito, a feira continua sendo evento de destaque, mobilizando parte da economia da cidade, atingindo diversas áreas ao seu entorno, proporcionando maior dinamicidade e fluxo intenso de pessoas que convergem para ela.

Assim, não se deve ignorar a importância que a feira teve, mesmo ela não tendo tanta expressão nos dias atuais em algumas cidades, de tal forma que “é um fenômeno tão importante na vida econômica e social do Nordeste que, dificilmente, um estudo regional deixa de mencioná-la ou de fazer algum inquérito na feira” (PAZERA JR., 2003, p. 18). Entretanto, é preciso destacar que não é papel exclusivo da feira a evolução e desenvolvimento econômico e regional, visto que cada período que constitui a história da cidade foi marcado por certos eventos, que concomitantemente com a feira livre, serviu de base à vida econômica de Arapiraca. Insere-se nessa discussão atividades artesanais e agrícolas que atreladas à feira colocaram-na numa posição de destaque. Assim, o fumo e a mandioca em Arapiraca foram destaque em sua economia.

Hoje, Arapiraca se caracteriza como centro regional de concentração de comércio e de serviços, apresentando desenvolvimento econômico semelhante a grandes cidades nordestinas, em particular aquelas do Agreste. É um desenvolvimento atrelado a pessoas com espírito de iniciativa, desejo de vencer e poucos recursos financeiros, mas que criam seus pequenos negócios e, posteriormente, se fixam como os grandes empresários da região.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. da G. S. de. **Sergipe: fundamentos de uma economia dependente**. Petrópolis: Vozes, 1984.

ANDRADE, M. C. de. **Geografia econômica do Nordeste: o espaço e a economia nordestina**. 2 ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1974.

_____. **O Nordeste e a questão regional**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993.

_____. **A Terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

ARROYO, M. Território, mercado e estado: uma convergência histórica. In: **Revista Geographia**, Ano VI, nº 12, dez. pp. 49-66. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense/UFF, 2004.

AZEVEDO, N. O Despertar do “País Sonolento”: contributo das feiras de produtos locais para um projecto de desenvolvimento territorial. In: SANTOS, N; CUNHA, L. (Orgs.). **Trunfos de Uma Geografia Ativa: desenvolvimento local, ambiente, ordenamento e tecnologia**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011, pp. 131-139.



BRAUDEL, F. **Civilização Material, Economia e Capitalismo Séculos XV-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, Tradução: Telma Costa, 1998.

CARVALHO, C. P. de. **Economia Popular: uma via de modernização para Alagoas**. Maceió. 4 ed. Maceió: EDUFAL, 2012.

CONTEL, F. B. Espaço geográfico, sistema bancário e a hipercapilaridade do crédito no Brasil. In: **Caderno CRH**, V. 22, nº 55, Jan/Abr, pp. 119-134. Salvador, 2009.

DANTAS, G. P. G. **Feira livre de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960/2006)**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, 2007. 209p. (Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia).

DIÉGUES JR., M. **O engenho de açúcar no Nordeste: documentação da vida rural**. Maceió: EDUFAL, 2006.

FIRMINO, P. C. S. **Arapiraca/AL e Itabaiana/SE – a feira livre como gênese e desenvolvimento de dois centros regionais do interior do Nordeste brasileiro**. 2015, 306 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

_____; LIRBÓRIO, L. F. **Arapiraca/AL e Itabaiana/SE, Brasil: apontamentos acerca do processo de industrialização em dois centros regionais**. Florianópolis: GEOSUL (UFSC), v. 33, p. 201-222, 2018. ISSN 2177-5230, DOI: <https://doi.org/10.5007/2177-5230.2018v33n68p201>

GUEDES, Z. **Arapiraca através do tempo**. Maceió: Mastergraphy, 1999.

LABASSE, J. **L’Espace Financier – analyse géographique**. Paris: Armand Colin. 1974.

LÊNIN, V. I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia – o processo de formação do mercado interno para a grande indústria**. Tradução de José Paulo Netto e revisão, com base no original russo, por Paulo Bezerra. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. **O imperialismo, fase superior do capitalismo**. 4 ed. São Paulo. Centauro, [1917] 2010.

LOPES, A. S. **Desenvolvimento Regional: problemática, teoria, modelos**. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

MELO, M. L. de. Bases geográficas dos problemas do Nordeste. In: **Revista Brasileira de Geografia**, V. 24, nº 4, pp. 503-542. Rio de Janeiro: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Presidência da República, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 1962.

_____. **Os Agrestes: estudo dos espaços nordestino do sistema gado-policultura de uso de recursos**. Recife: Ministério do Interior – SUDENE, Superintendência Adjunta de Planejamento – Coordenação de Planejamento Regional, Divisão Política Especial – Estudos Regionais 4, 1980.

MONTENEGRO, M. R. **O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização**. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humana/FFLCH da Universidade de São Paulo/USP, 2006. 205p. (Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana).



PAZERA JR. E. **A feira de Itabaiana – PB: permanência e mudanças**. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humana/FFLCH da Universidade de São Paulo/USP, 2003. 201p. (Tese de Doutorado: Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana).

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA/AL. **Feiras Livres de Arapiraca**. Secretaria Municipal de Planejamento. Arapiraca, 2015.

POLANYI, K. **A Grande Transformação**: as origens da nossa época. Rio de Janeiro, Campus, [1994] 1980.

RANGEL, I. A história da dualidade brasileira. In: **Revista de Economia Política**, V. 1, nº. 4, Out/Dez, pp. 5-34, São Paulo, 1981.

_____. O desenvolvimento econômico no Brasil (1954). In: _____. **Obras reunidas/Ignácio Rangel**. V. I. 2v. (1.508p.), pp. 39-128. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2012.

SÁ, M. **Feirantes: quem são e como administram seus negócios**. Recife: Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

SANTOS, M. Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: os dois sistemas de fluxos da economia urbana e suas implicações espaciais. In: **Boletim Paulista de Geografia**, nº 53, pp. 35-59, fev. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros/AGB, 1977.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países desenvolvidos**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/EDUSP, [1979] 2008.

_____. **A urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos**. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/EDUSP, [1980] 2010.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/EDUSP, [1996] 2008.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. 16 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 13 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SILVEIRA, M. L. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. In: **Caderno CRH**, nº 55, vol. 22, pp. 65-76. 2009.

SOUZA, M. D. A. de. Política e território: as geografias das desigualdades. In: **Fórum Brasil em Questão**. Brasília: 5 de junho de 2002.

WERLEN, B. Regionalismo e sociedade política. In: **GeoGraphia**, Ano 2, no. 4, pp. 7-25. – UFF, 2000.

Recebido em 16 de Julho de 2018
Aprovado em 18 de Janeiro de 2019

